



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17808 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

“EU SOU A VIDA” E “EU SOU A MORTE”: ASPECTOS TRANSDISCIPLINARES SOBRE A MORTE NA LITERATURA INFANTIL

Érica Araújo Verçosa - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Hugo Monteiro Ferreira - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

**“EU SOU A VIDA” E “EU SOU A MORTE”:** ASPECTOS TRANSDISCIPLINARES SOBRE A MORTE NA LITERATURA INFANTIL

---

Érica Araújo Verçosa <sup>[1]</sup>

Hugo Monteiro Ferreira <sup>[2]</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento da humanidade temos avançado bastante no que diz respeito à ampliação das concepções sobre o que é ser criança e sobre o período no qual se desenvolve essa fase da vida que nos é cara e estruturante que é a infância. Hoje, a partir de pesquisas e diversos estudos realizados nas áreas da educação, da psicologia, da antropologia e da sociologia, atribuímos à infância sentidos plurais e consideramos a existência de não apenas uma, mas várias infâncias.

A literatura pensada para esse público também tem se qualificado, com a intenção de contemplar histórias que trazem a diversidade étnica dos povos e a multiplicidade de temáticas que já foram chamadas de polêmicas (Davila; Souza, 2013), de difíceis (Barros; Azevedo, 2019) e, mais recentemente, fraturantes (Lira,

2021). De forma geral, são temas considerados tabus na sociedade e que muitas vezes são interditados nas escolas, que são os principais espaços que contribuem para o desenvolvimento das crianças e fazem a intermediação delas com a realidade.

Na sociedade contemporânea, a multiculturalidade é um fato, mas ainda existem desafios para inserir nas atividades com as crianças temas como o racismo, a violência de gênero, a violência sexual, a homoafetividade, a depressão, o *bullying*, o abandono, a morte, entre outros assuntos. Azevedo e Barros (2019, p. 77) alertam que “[...] as realidades sociais em que vivemos hoje tornam esses temas emergentes, requerendo que eles sejam tratados com a seriedade e a dignidade necessárias à sua compreensão e à consequente compreensão da realidade”. Reconhecemos que a literatura infantil tem um grande potencial artístico e que pode ser uma poderosa aliada para, de forma sensível, abrir espaços de conversas sobre a morte com crianças, adolescentes e pessoas adultas.

Este trabalho refere-se a um recorte de uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo ouvir as narrativas que um grupo de crianças, na terceira infância, em contexto escolar, traz sobre a morte. Consideremos que a temática da morte está entre os temas reconhecidos como tabus e que, portanto, não é de fácil abertura para o diálogo, sobretudo quando pensamos no público infantil. Assim, nos dedicamos a analisar dois livros de literatura para as infâncias que trazem a morte na sua centralidade. Acreditamos que falar sobre o tema da morte com crianças

[...] não significa entrar em altas especulações ideológicas, abstratas e metafísicas nem em detalhes assustadores e macabros. Refiro-me a simplesmente colocar o assunto em pauta. Que ele esteja presente, através de textos e imagens, simbolicamente, na vida da criança. Que não seja mais ignorado. Isso nada tem a ver com depressão, morbidez ou falta de esperança. Ao contrário, a morte pode ser vista, e é isso o que ela é, como uma referência concreta e fundamental para a construção do significado da vida (Azevedo, 2003, p. 58).

Apesar de ser considerado um tema difícil de ser tratado, atualmente o mercado editorial tem publicado uma gama de livros infantis que trazem diversas abordagens sobre a morte. Nesse contexto, iremos analisar as obras “Eu sou a vida” (2022) e “Eu sou a morte” (2022), de Elisabeth Helland Larsen e Marine Schneider, a partir da perspectiva transdisciplinar. Nosso objetivo será identificar como a morte e a vida são apresentadas para as crianças, e localizaremos nos textos, nas ilustrações, na composição de cada livro, seus aspectos transdisciplinares. Para tanto, teremos como aporte teórico os estudos de Kovács (2020), Ferreira (2021), Nicolescu (1999), entre outros. Reconhecemos que a arte literária pode propiciar uma preparação subjetiva para que as crianças possam, através das histórias, principalmente daquelas que sejam poéticas, que se utilizam de metáforas, que tenham múltiplos significados, ir elaborando o sentido de finitude.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O fim é o começo e o começo é o fim

Os livros “Eu sou a morte” e “Eu sou a vida”, de Elisabeth Helland Larsen e Marine Schneider, traduzidos por Regina Berlim, foram publicados no Brasil em 2022 pela editora Peirópolis e fazem parte de uma trilogia que tem como terceiro livro, “Eu sou o Palhaço”; mas neste trabalho nos deteremos apenas no primeiro e no segundo livros.

A escolha dessas obras se dá pela perspectiva especial que elas carregam em sua centralidade. As narrativas trazem em sua essência a ideia que remonta à unidade primordial de cada ser vivo, que ao nascer ganha a vida e a morte ao mesmo tempo e à ideia de que a respiração é o nosso primeiro e último movimento no existir. Essas histórias nos possibilitam ampliar a nossa percepção fragmentada da realidade, na qual impera a ideia de que a morte é o oposto da vida e tantos outros binarismos que nos impedem de perceber que “A vida é um processo de conhecimento, o objetivo é compreendê-la, e para que isso aconteça é fundamentalmente necessário entender como os seres vivos conhecem o mundo (Maturana e Varela, 2001, p. 7).

#### Figura 1 – A morte

Fonte: livro “Eu sou a morte” (2020)



“Eu sou a morte, uma parte da vida, uma parte do amor e uma parte de você” (p. 44). O livro é narrado pela personagem central, a morte. Ela vai descortinando para as/os leitoras/es, através do texto e das ilustrações, a sua trajetória pela terra, os lugares por onde passa e as visitas que ela precisa fazer aos pequenos, aos grandes e àqueles que ainda nem nasceram. Também expressa que vai encontrar as pessoas de forma individual, mas que, às vezes, ela precisa acolher muitas pessoas de uma vez só. Ela diz: “De mãos dadas, não precisamos de palavras... Andamos lentamente, como em uma grande procissão iluminada [...]” (p. 20).

A morte aparece de forma humanizada, falando de suas tristezas pelo medo que é gerado em torno dela “[...] algumas pessoas acendem velas ao me ver chegar. Outras fecham as cortinas, na esperança de que eu esteja de passagem [...]”. A história vai dando um lugar de dignidade para a morte, diferente da lógica racional que separa a vida da morte, que as coloca em oposição.

Na cultura das sociedades ocidentais ou ocidentalizadas, como a nossa, a morte é concebida como um mal que deve ser evitado a qualquer custo e isso contribui para que nos afastemos de qualquer conversa que nos aproxime dela. Dessa maneira, precisamos cada vez mais ressignificar a nossa relação com a finitude para que possamos oferecer às crianças e aos adolescentes, novas experiências que as/os ajudarão a alargar as suas percepções sobre o ciclo da vida, que inclui diariamente a morte.

Ao entrar em contato com uma narrativa que apresente a morte em um outro lugar de importância, diferente do que está posto, potencializaremos a nossa capacidade de fabulação, de ampliação da imaginação, de realização de um mergulho mítico-simbólico que pode nos suspender dessa lógica racional que separa a vida da morte.

## Figura 2 – A vida

Fonte: livro “Eu sou a vida” (2020)



“Eu sou a vida. Assim como a morte é a morte, eu sou a vida” (p. 7). A vida chega para nos contar como faz para que tudo aconteça. Fala de um grande plantio e de tudo o que é preciso fazer para que tudo floresça, lembra-nos que seu encontro com cada ser vivente pode durar alguns instantes ou pode ser longo a perder de vista. Que ela acompanha cada ser desde a barriga de cada mãe até a

longa idade que se possa imaginar, mas “[...] quando a morte chega, estou sempre lá. Vivemos nesta terra juntas” (p. 33).

## 2.2 Entre a vida e a morte

Figura 3 – A morte e a vida

Fonte: livro “Eu sou a morte” (2020)



“A vida e eu podemos ser vistas em tudo que se inicia ou se encerra” (p. 17). Os dois livros trazem a ideia de unidade de cada ser que carrega a vida e a morte,

que fazem brotar o amor.

Cada corpo é a moradia da vida e da morte e é nele que as emoções brotam a partir das relações estabelecidas com outros corpos/casa. É nessa travessia cheia de sentimentos e sensações que temos contato com as nossas emoções, não para negá-las, pois elas fazem parte de nós e nos constituem, mas para acolhê-las sempre que necessário. A literatura dedicada às crianças é portal para o contato com as emoções, como bem pontua Maturana (1998):

[...] somos animais dependentes do amor. O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto (p. 25).

Os livros aqui em destaque, assim como outros títulos que falam sobre a morte e são dirigidos ao público infantil, trazem uma perspectiva de unidade entre as diferentes etapas do desenvolvimento humano. Ou seja, são livros que podem abrir espaços para conversas acolhedoras e sinceras sobre os diversos sofrimentos em consequência das perdas em casa, nas escolas, nas bibliotecas, nos espaços culturais, entre outros territórios.

Kovács (2020), no seu livro “Educação para a Morte: quebrando paradigmas”, alerta para o fato de que falar sobre a morte é urgente em todas as salas de aula, independentemente da área de atuação de cada profissional da educação ou da saúde, pois “[...] um número significativo de educadores pensa que o tema da morte deve, sim, ser abordado nas escolas, mas não se sentem preparados para essa função [...]” (p. 164).

### **2.3 Aspectos transdisciplinares nas obras “Eu sou a vida” e “Eu sou a morte”**

Dentre as práticas educacionais vigentes, consideramos a transdisciplinaridade como uma abordagem conceitual que pode nos ajudar a ampliar o olhar sobre os processos educativos e as múltiplas dimensões da existência humana. Nesse sentido, Nicolescu (1999) nos ajuda a compreender essa perspectiva ao afirmar que a transdisciplinaridade,

[...] como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (p. 16).



A perspectiva transdisciplinar nos provoca a pensar que, apesar de todas as fases do desenvolvimento humano no ciclo da vida terem as suas especificidades, é na infância, quando ainda estamos em processo de enquadramento social, que as nossas fabulações, as nossas fantasias, as nossas diversas subjetividades são preponderantes. À medida que crescemos e chegamos na adolescência, tendemos a perder a potência lúdica da fase anterior e quando nos tornamos adultos/os negamos as especificidades tão importantes das demais fases, de tal modo que nos distanciamos da criança e do adolescente que fomos. Portanto, “As infâncias, numa ótica transdisciplinar, são como o terceiro incluído” (Ferreira, p. 33). O autor esclarece que,

[...] a Lógica do Terceiro Incluído não se dá na linguagem binária, sujeito-objeto; mente-corpo; vida-morte; amor-ódio; bom-mau; verdadeiro-falso; certeza-incerteza. A Lógica do Terceiro Incluído se institui num tempo e num espaço que não se submetem às regras do cogito cartesiano e nem às ideologias da física moderna (Ferreira, p. 27).

Olharemos para a literatura infantil como para uma potente linguagem artística que pode produzir múltiplos sentidos e, que por tal especificidade, chegará em cada criança, adolescente, jovem ou adulto de uma forma, e ganhará variados significados a partir do repertório de vida de cada uma/um. Bartolomeu Campos de Queirós (2005, p. 167), faz a distinção do texto didático e do literário, para ele “[...] enquanto um texto didático procura uma convergência, todos os leitores chegam a uma mesma resposta, apontando para um único ponto, o texto literário procura a divergência. Quanto mais diversificadas as considerações, quanto mais individuais as emoções, mais rico se torna o texto”.

A literatura infantil tem acompanhado as mudanças ocorridas na sociedade, e o objeto livro, dirigido para as infâncias, tem cada vez mais ganhado variados formatos que abrigam a ficção, a ilustração, a diagramação, elementos que compõem a sua materialidade, constituindo um rico suporte em que todos os componentes estarão a favor da construção da narrativa. Ao entrarem em contato com uma história literária, as crianças abrem espaços para uma ampliação da realidade em que vivem e, assim, vislumbram outras possibilidades de enxergar, de sentir, de se relacionar com e no mundo.

Nesse sentido, a literatura infantil e o livro para as infâncias são importantes dispositivos artísticos que podem ser utilizados de forma transdisciplinar que contribuem com um processo educativo plural que “[...] evoca a transculturalidade, a transreligiosidade e a transsubjetividade” (Ferreira, p. 15). Sobre a essência provocadora de emoções da literatura, Maturana (1998) aponta que elas se constituem como elementos fundamentais na orientação da nossa forma de nos colocar no mundo, pois mobilizam as nossas ações e as relações que estabelecemos com os nossos pares e com o mundo ao nosso redor. Nesse sentido, o autor contrapõe a ideia hegemônica de que a razão e a lógica, tão

valorizadas nos dias atuais, sejam as únicas formas de gerar entendimento, conhecimento e transformação da nossa realidade social (p. 18). O autor destaca que “[...] não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato” (p. 22).

## **2.4 Resultados e discussões da pesquisa**

Para responder aos objetivos propostos, foi realizada uma curadoria de 10 livros infantis publicados entre 2015 e 2020. Realizamos a leitura utilizando quatro categorias de análise: a perspectiva em que a morte é apresentada, que busca apresentar como a morte está presente nas histórias; a perspectiva em que a vida é apresentada, que busca apresentar como a vida está presente nas histórias; e a visão trazida nas finalizações. O que fica quando tudo acaba? Essa categoria busca olhar para os desfechos dados aos finais em cada história, o papel das ilustrações em relação à complementação ao texto, como morte e vida são apresentadas nas ilustrações; as paisagens, as cores e a aproximação entre as duas.

Com base nesse caminho foram escolhidos dois livros com histórias que podem possibilitar uma ampliação da nossa existência e aí reside uma relação direta com os aspectos da transdisciplinaridade, pois um olhar transdisciplinar implica levar em consideração a totalidade de cada ser humano.

Os livros “Eu sou a vida” e “Eu sou a morte”, de Elisabeth Helland Larsen e Marine Schneider, podem ser excelentes suportes a serem utilizados com as crianças em sala de aula ou na biblioteca escolar, pois, como aponta Gaston Pineau (1999, p. 28), “[...] a primeira audácia transdisciplinar que devemos ter: ousarmos abordar questões vitais, mesmo sem sermos especialistas”. Não se trata de teorização sobre a morte ou de falar sobre ela de forma triste ou complexa, mas, sim, de apresentar uma história literária em que cada palavra e ilustração vão colocando, com seriedade e sensibilidade, que a morte não é o oposto da vida.

## **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como objetivo apresentar o resultado de uma pesquisa documental que buscou compreender como as obras “Eu sou a vida” e “Eu sou a morte”, de Elisabeth Helland Larsen e Marine Schneider, dialogam com elementos da transdisciplinaridade ao falarem sobre a morte. Com base nos resultados encontrados no transcorrer da investigação, pode-se afirmar que o objetivo foi obtido. Como fontes documentais, foram utilizados os dois livros de literatura infantil, livros-álbum, que tiveram seu conteúdo literário e sua produção

visual, a partir das ilustrações, analisadas de forma entrelaçadas por meio da perspectiva transdisciplinar.

São histórias provocadoras de muitas emoções que abrem portas para que possamos ouvir o que as crianças sentem quando ouvem falar sobre a morte ou quando perdem alguém que amam. Os espaços educacionais podem ser lugares por excelência para fazer essa ponte com as crianças, portanto é urgente arranjar estratégias de formação e assim preparar as/os educadores/as para que possam construir espaços de acolhimento e conversas francas. Segundo Kovács (1992, p. 49) ao não falar sobre a morte “[...] o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade”. Para a autora, quando isso acontece, “[...] a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar”.

Nesse sentido, as/os professoras/es na educação infantil e em qualquer ano escolar, em qualquer disciplina, podem se apropriar da literatura disponível e utilizá-la, e, de forma transdisciplinar, conversar e ouvir o que suas/seus alunas/os têm vontade de compartilhar sobre o assunto e não tem espaço para isso. No nosso país, a instituição escola é um dos principais equipamentos de proteção e de contribuição para o desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, já que a maior parte da população brasileira, de norte a sul do Brasil, passa por ela.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. Contos de enganar a morte. São Paulo: Ática, 2003.
- BARROS, L. M.; AZEVEDO, F. **Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção**. Em Aberto, Brasília, v. 32, n. 105, p. 77-92, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4210/3662>. Acesso em: 05 ago. 2024.
- COOL, Agustín N. **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM/UNESCO, 2002. p. 73-92.
- DAVILA, D.; SOUZA, R. J. de. **O Uso de Textos Polêmicos em Sala de Aula: formação e prática docente**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1207-1220, out./dez. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em 27 jan. 2021.
- FERREIRA, Hugo Monteiro (org.); MELO, Bruno C. de F. (col.). **Infâncias, adolescências e juventudes: a pesquisa transdisciplinar**. Curitiba: CRV, 2021.
- FUKUMITSU, Karina (org.). Vida, morte e luto: atualidades brasileiras. São Paulo: Summus Editorial, 2018.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Novo Hamburgo, Sinopsys Editora, 2021.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod\\_resource/content/3/KOV%C3%91C3%A9%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%91C3%A9%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano). Acesso em: 08 de ago. 2024.

LIRA, L. M. Santos Batista. O contemporâneo na literatura infantil: Temas Faturantes na infância.

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21524/1/TCC%20-%20LAYNE%20MARIA%20%28FINALIZADO%29%20%281%29.pdf>. Acesso em: 05 de ago. 2024.

LARSEN, Elisabeth Hellande. **Eu sou a morte**. São Paulo, Peirópolis, 2022.

LARSEN, Elisabeth Hellande. **Eu sou a vida**. São Paulo, Peirópolis, 2022.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1998.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Triom : São Paulo, 1999.

NICOLESCU, Basarab. **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM/UNESCO, 2002.

OLIVEIRA, Ieda (org). **O que é qualidade na literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor**. São Paulo: DCL, 2005, p. 167-174.

PINEAU, Gaston. **Educação e Transdisciplinaridade I**. São Paulo: TRIOM/UNESCO, 2000.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **O que é qualidade na literatura infantil e juvenil**. Difusão Cultural do Livro: São Paulo, 2005.

---

[1] Possui graduação em Pedagogia, é especialista em Mediação de Leitura Literária e Biblioterapia, em Literatura Infantil e Juvenil, estudante de Arteterapia e mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco e da Fundação Joaquim Nabuco. Desenvolve o projeto "Pode entrar, Dona Morte! Diálogos sobre o viver e o morrer a partir das histórias". ericavercosa2@gmail.com.

[2] Possui graduação em Letras, mestrado em Letras e doutorado em Educação. Professor adjunto do Departamento de Educação da UFRPE. Coordenador do Núcleo do Cuidado Humano da UFRPE. Líder do GETIJ - Grupo de estudos da transdisciplinaridade, da infância e da juventude. Pesquisador na área da saúde emocional e mental de crianças, adolescentes e jovens. Membro da Cátedra UNESCO de Leitura. Membro do NEFOPP - Núcleo de Estudos da Formação docente e da Prática Pedagógica. hmonteiroferreira@yahoo.com.br.

---